

“PERCURSO DE MEMÓRIA LGBTI+ DE CURITIBA/PR” PELO OLHAR DE SEUS(SUAS) CAMINHANTES

LGBTI+ MEMORY PATH OF CURITIBA/PR THROUGH THE EYES OF ITS WALKERS

João Vitor Vakiuti¹
André Luiz Justus Czovny²
Anne Hellen Hoffmann³
Gabrielly Fortini Fernandes⁴
Lucas Moreira⁵
Sarah Geovana Gomes de Matos⁶
Taíssa Albertina de Nadaí⁷

Resumo: em 2023, o núcleo “Memória LGBTI+”, do Projeto “Máquina de A(r)tivismos em Direitos Humanos”, vinculado à Universidade Federal do Paraná (UFPR), em parceria com movimentos LGBTI+ de Curitiba, lançou o “Percurso de Memória LGBTI+ de Curitiba/PR” com o objetivo de disputar por narrativas urbanas mais inclusivas. Durante os percursos, que já ocorreram em seis ocasiões entre 2023 e 2024, os caminhantes exploraram diversos pontos da cidade que são significativos para a história da comunidade LGBTI+, destacando-se os locais de socialização, diversão e amor, para incentivar a reconstrução dos imaginários urbanos (coletivos e individuais) e reafirmar a importância da relação entre o sujeito e o espaço em que se constitui e se (re)constitui. Após cada percurso realizado, os participantes puderam relatar como foi a experiência do percurso para si, mediante papéis que foram entregues pela equipe organizadora. Diante disso, o presente trabalho de “relato de experiência” visa demonstrar como tais participantes sentiram e apreciaram a vivência LGBTI+ da cidade, de modo a compartilhar com o público acadêmico a empiria do projeto, em sua fase de confecção inicial, bem como incentivar a construção constante e coletiva da memória LGBTI+ a ser inserida nas narrativas urbanas da capital paranaense (e, quiçá, de todo o país).

Palavras-chave: Percurso de Memória LGBTI+ de Curitiba/PR; Relatos; Experiência.

Abstract: in 2023, the “LGBTI+ Memory” core of the “Máquina de A(r)tivismos em Direitos Humanos” project, affiliated with the Federal University of Paraná (UFPR), in partnership with LGBTI+ movements in Curitiba, launched the “LGBTI+ Memory Path of Curitiba/PR” with the aim of advocating for more inclusive urban narratives. During the paths, which have already taken place on six occasions between 2023 and 2024, participants explored various points in the city that are significant to the history of the LGBTI+ community, highlighting places of socialization, enjoyment, and love, in order to encourage the reconstruction of collective and individual urban imaginaries and reaffirm the importance of the relationship between the individual and the space in which they are constituted and (re)constituted. After each path, participants were able to report on their experience of the journey through papers provided by the organizing team. In light of this, the present work of “experience report” aims to demonstrate how these participants felt and appreciated the LGBTI+

¹ Estudante de Direito na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Participante do Programa de Iniciação Científica, no projeto “LABÁ: Direito, Espaço & Política”, e bolsista pela Fundação Araucária. Membro do projeto de extensão “Máquina de A(r)tivismos em Direitos Humanos”.

² Doutorando em Comunicação, na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Participante do Núcleo “Memória LGBTI+” do projeto de extensão “Máquina de A(r)tivismos em Direitos Humanos”.

³ Advogada. Participante do Núcleo “Memória LGBTI+” do projeto de extensão “Máquina de A(r)tivismos em Direitos Humanos”.

⁴ Estudante de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Participante do Núcleo “Memória LGBTI+” do projeto de extensão “Máquina de A(r)tivismos em Direitos Humanos” e Presidente da Liga Acadêmica de Estudos em Gêneros, Sexualidades e Diversidades.

⁵ Graduanda de Direito na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Diretora da Extensão da Liga Acadêmica de Estudos em Gêneros, Sexualidades e Diversidades (LAED). Membro do projeto de extensão “Máquina de A(r)tivismos em Direitos Humanos”.

⁶ Estudante de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Diretora Científica da Liga de Estudos em Gêneros, Sexualidades e Diversidades (LAED) e Membro do projeto de extensão “Máquina de A(r)tivismos em Direitos Humanos”.

⁷ Mestranda em Direitos Humanos e Democracia, graduanda em Letras e graduada em Direito, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Membro da Máquina de A(r)tivismos em Direitos Humanos.

experience of the city, in order to share with the academic audience the empirical aspects of the project in its initial phase, as well as to encourage the ongoing and collective construction of LGBTI+ memory to be integrated into the urban narratives of the capital of Paraná (and perhaps, of the entire country).

Keywords: LGBTI+ Memory Path of Curitiba/PR; Reports; Experience.

1 INTRODUÇÃO

O Brasil, apesar dos avanços legislativos e jurisprudenciais concernentes à temática LGBTI+, até os dias de hoje, continua sendo um dos países que mais mata pessoas trans e negligencia a prática dos direitos LGBTI+ no mundo (Schimtz, 2023). Nesta toada, Curitiba, capital do Estado do Paraná, não destoa da severa contradição existente entre discursos supostamente libertadores e uma prática completamente distante de tal libertação.

Pensando nisso, e na necessidade urgente de disputar por narrativas urbanas efetivamente mais inclusivas, o núcleo “Memória LGBTI+”, do Projeto de Extensão da Universidade Federal do Paraná (UFPR), “Máquina de Ativismos em Direitos Humanos”, em parceria com movimentos LGBTI+ de Curitiba/PR⁸, no ano de 2023, criou o “Percurso LGBTI+ de Curitiba/PR”.

Durante o percurso, já realizado em 6 ocasiões, os participantes percorrem diversos pontos da cidade de Curitiba/PR, marcados pela história dos sujeitos LGBTI+. O ímpeto dos(as/es)⁹ organizadores(as) é o de que não mais se fale apenas de espaços de tristeza, dizimação, etc., mas também, e principalmente, dos locais de socialização desses corpos – onde se divertem, se sentem livres e se amam. Com isso, busca-se a reconstrução dos imaginários urbanos coletivos e individuais, pensando na cidade enquanto “a relação do sujeito com o espaço onde ele se constitui e se permite (re)constituir” (Gorsdorf; Nadai, 2025, p. 153).

Refletindo sobre o objetivo de ouvir e compartilhar as vozes LGBTI+, sobretudo ponderando que o caminhar é vivo e a construção de novos imaginários ocorre de maneira coletiva, com todos e todas tendo a oportunidade de expor seus medos, suas angústias, seus desejos e, também, suas alegrias e satisfações, após os percursos, é disponibilizada aos(às/es) participantes uma pequena folha de papel onde eles(as/us) podem compartilhar suas experiências.

Diante disso, e acessando o material produzido desde o início dos percursos, o presente trabalho visa contar como se sucederam os trajetos realizados entre 2023 e 2024, pelos olhos atentos daqueles(as) que tiveram a oportunidade de vivenciar os caminhos da cidade de maneira diversa da habitual, tomando conhecimento sobre a história LGBTI+, como forma de dar um passo adiante à reconstrução das narrativas urbanas da capital paranaense – por seus caminhantes.

⁸ Os movimentos que participam são: o Acervo Bajubá; o Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott – CEDOC LGBTI+, do Grupo Dignidade; e a Liga Acadêmica de Estudos de Gêneros, Sexualidades e Diversidade da PUC/PR.

⁹ Utiliza-se o pronome neutro “e” e “u” como forma de incluir todas as identidades trans e não-binárias.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA(S) DO PERCURSO LGBTI+ DE CURITIBA/PR

Inicialmente, será demonstrado como ocorreu a formação do “Percurso de Memória LGBTI+ de Curitiba/PR” e como se realizou a divisão dos relatos que foram utilizados no presente trabalho, para que se tenha maior e melhor compreensão da estrutura desenvolvida e da perspectiva dos(as/es) organizadores desse projeto.

2.1 A FORMAÇÃO DO PERCURSO DE MEMÓRIA LGBTI+ DE CURITIBA/PR

Para Walter Benjamin, em sua perspectiva fragmentária, as cidades se constituem enquanto enigmas a serem desvendados (Paola Jacques; Rita Velloso, 2023, p. 31). As vísceras dos centros urbanos atuam como “megafones”, ecoando, contra os muros da repressão, os direitos daqueles que ali habitam e que, no cotidiano, tentam reconstruir os fragmentos de ideias desfeitos pelo conservadorismo nocivo.

Desse modo, ser um corpo LGBTI+ que caminha livremente pelas ruas pode se configurar como um processo de (re)descoberta de locais importantes para a memória, intensificando a disputa de narrativas da cidade “mais inteligente”¹⁰, que tanto opera, em suas contradições, para o apagamento dessas afetividades. E, pensando nisso, o “Percurso de Memória LGBTI+ de Curitiba/PR” foi criado em 2023.

Conforme narrado pelos integrantes do grupo, em “Reencenando e dando vida às memórias LGBTQIA+ em Curitiba/PR”, para que o percurso fosse construído, muito foi realizado entre os anos de 2022 e 2023 (Gorsdorf; Nadai, 2025). Os(as/es) participantes do núcleo Memória LGBTI+ de Curitiba/PR dividiram-se em duas searas: “arquivo” e “entrevistas”.

Na primeira, foram buscados, em acervos, arquivos e museus, referências da vivência LGBTI+ curitibana, a partir dos anos 50 do século XX. Na segunda, 25 pessoas LGBTI+ da cidade, escolhidas pela interseccionalidade das vivências (com valorização de gênero, classe e raça) foram entrevistadas pelos(as/es) integrantes do grupo, sendo convidadas a falar um pouco sobre suas presenças e atividades sócio-culturais (Gorsdorf; Nadai, 2025).

Todo o material encontrado foi sistematizado “a partir de referências de espaços, pessoas, modos de vida, histórias e frases que representam cada período”, explicando, assim, como se sucedeu a vivência e a socialização LGBTI+ curitibana no século XIX e, também, como ela tem se sucedido no momento presente (Gorsdorf; Nadai, 2025). Com ele, foi possível elaborar a rota de memória do percurso ora em comento, que, apesar de se encontrar em fase inicial, uma vez que ainda se almeja abordar muitos outros relatos e

¹⁰ Curitiba foi eleita em Barcelona, Espanha, no ano de 2023, a “Cidade mais inteligente do mundo”, e foi amplamente divulgada pela prefeitura curitibana. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/especiais/curitiba-a-cidade-mais-inteligente-do-mundo-de-2023/49>. Acesso em: 15 abr. 2025.

muitas outras regiões da cidade, possibilitou a realização da caminhada nas já mencionadas 6 ocasiões.

O “Percurso de Memória LGBTI+ de Curitiba/PR”, então, ao selecionar seus quase 30 pontos espalhados pela capital, busca não mostrar apenas espaços de tristeza da vivência LGBTI+ no centro urbano, mas também, e principalmente, evidenciar os locais de socialização e de comunhão desses corpos, com relatos colhidos de personalidades LGBTI+ curitubanas que viveram, ocuparam e ocupam o cenário curitubano desde os anos 50 do século passado. São corpos que resistem e reivindicam o direito à cidade que também lhes pertence, ainda que as narrativas oficiais tentem dizer o contrário.

2.2 A SEPARAÇÃO DOS RELATOS REALIZADOS PELOS(AS/ES) PARTICIPANTES

Em busca de uma construção coletiva e constante da memória LGBTI+, após os percursos, têm sido colhidos os relatos dos(as/es) participantes, mediante folha que lhes é entregue, como modo de possibilitar que também suas experiências sejam ouvidas e, quiçá, até mesmo incluídas nas próximas edições do Percurso. Até o momento, foram colhidas mais de 80 manifestações, as quais foram separadas e sistematizadas em categorias.

No presente trabalho, buscou-se elucidar algumas delas, como forma de compartilhar as pontuações que mais se repetiram entre o diverso público, em conjunto das que mais possuem certa urgência de serem compartilhadas, como forma de continuar avançando na perpetuação dos ideais do Percurso e possibilitando que mais vozes LGBTI+ tenham seus clamores ouvidos.

Afinal, um relato nada mais é do que uma narração detalhada de experiências vividas, onde o assunto é abordado sob o ponto de vista de quem o relata (narrador). E a partir dos próximos tópicos será possível ver como diferentes memórias são capazes de se cruzarem – sejam em espaços de boates, bares e restaurantes ou, até mesmo, em experiências de vida. Inclusive, João Silvério Trevisan (2018, p. 376) destaca que “o mercado guei cresceu muito e incentivou a expansão dos guetos homossexuais nas principais cidades brasileiras durante as últimas décadas do século XX” e Curitiba não ficou de fora.

Enquanto metodologia para a divisão dos relatos colhidos, separou-se em 4 grandes grupos: (i) o primeiro é destinado a relatos de pessoas vindas de fora, de modo que, como fica explícito, os relatos analisados são de pessoas que vieram de lugares diversos da capital paranaense; (ii) o segundo é destinado aos espaços de convivência, que possui uma linha tênue entre o terceiro grupo, que é destinado aos lugares públicos. Entretanto, os relatos de “espaços de convivência” são relatos que evidenciam a sociabilidade de espaços privados (como bares, cafés e baladas), mas que evidenciam o caráter de sociabilidade com o outro; (iii) outrossim, os relatos de “lugares públicos” são destinados às memórias de locais públicos, como parques, bosques e museus; e (iv) o quarto, e último, grupo é

destinado aos relatos da vivência do corpo na rua, um local imaterial onde evidencia a atuação e a vivência do corpo em “lugares imateriais”.

Ademais, no presente trabalho, os relatos serão expostos com as iniciais dos nomes das pessoas que compartilharam suas memórias, ou com a sigla “S.N.”, para indicar que a pessoa que registrou seu relato não informou o nome, a fim de que se preserve o anonimato de suas experiências individuais de caráter personalíssimo.

3 O PERCURSO VISTO POR SEUS(SUAS) CAMINHANTES/PARTICIPANTES

Conforme já destacado, o Percurso clareia os espaços de afetos e trocas que sempre existiram, reescrevendo a narrativa urbana a partir de memórias da comunidade LGBTI+. A partir de agora, seguindo tal atmosfera, passa-se a uma breve caminhada virtual pelos relatos daqueles que vivenciaram o Percurso físico e decidiram dividir um pouco sobre suas vivências.

3.1 RELATOS DE PESSOAS VINDAS DE FORA DE CURITIBA

Entre os mais de 80 relatos compartilhados ao fim do percurso, 12 contemplam esse espaço, desde aqueles que iniciam a narrativa como estrangeiros(as/es) e, em muitos casos, passam a fazer da cidade de Curitiba sua moradia, até aqueles que, mesmo passageiros por um período específico, se encantaram durante suas estadias.

O amor e o afeto são temas que aparecem em quase todos os parágrafos compartilhados pelos participantes. “Conheci aqui o meu marido e já estamos juntos há 11 anos”, conta o carioca F.P., que há 10 anos reside na capital do Paraná. Assim como C.C. que, após casar com seu esposo, foi na cidade de Curitiba que passou a ter outras vivências, como um relacionamento não monogâmico formado por 3 pessoas.

A conexão é outro ponto que chama atenção neste grupo, são memórias de pertencimento. L.V. conta que logo que chegou, sentiu-se acolhida pela comunidade local. “A primeira memória é, pela primeira vez na vida, encontrar um local em que me senti acolhida e conectada com outras pessoas LGBTI+”, compartilha ao lembrar com carinho de tantas mulheres lésbicas que fez amizade no “Maricas Bar”. O mesmo é relatado por A.N. que divide um saudosismo pelo mesmo botequim e pelas memórias do tempo já vivido. “Vi muitas meninas lésbicas e bissexuais que me inspiraram assim que cheguei na cidade”. Para ela, atualmente, não se fala mais sobre grupos ou lugares de compartilhamento da comunidade sáfica.

Em seguida, quatro outros relatos trazem à tona o tema liberdade. C.F. divide que, durante uma visita à cidade, observou certa liberdade de “expressar o romance LGBTI+”. Ao contar que viu vários casais homoafetivos de mãos dadas pelas ruas, trouxe o contraponto da sua realidade. “Na minha cidade, por ser pequena e do interior, eu não presenciava isso.

Me chocou de uma maneira muito profunda e legal”. Já D.P. revela que, em poucas palavras, foi na capital mais fria do Brasil que andou de mãos dadas com seu namorado pela primeira vez. Assim como V.M., que veio de Pato Branco (PR), e aponta como memória a experiência de poder andar com a sua namorada, demonstrando carinho em público. “Foi a primeira vez que nós duas nos sentimos confortáveis”, aponta.

Enquanto isso, G.A. divide ser um morador recente da região e que há um choque de diferenças para quem vem do interior do estado. “Aqui me sinto mais livre para ser eu mesmo, mais do que na minha terra natal”. Esse último também aponta que, apesar da liberdade que pode ser sentida nas suas vivências, não identifica a cidade como um paraíso LGBTI+. Afinal, o mesmo relata que “a violência nos persegue na maioria dos espaços, mas em relação ao interior do Paraná, acho mais seguro”.

Essa comparação entre interior e capital, explícita neste trecho, mostra como a cidade de Curitiba compartilhava alguns sinais de uma possível liberdade, que para os estrangeiros que ali chegavam era uma novidade. João Silvério Trevisan (2018) destaca que “nas grandes cidades brasileiras, sempre ocorreram paqueras - inclusive entre homens - em lugares públicos inespecíficos”, o que justifica os relatos de afeto que são compartilhados aqui. Entretanto, alguns deles vêm acompanhados da insegurança, o que reforça que as memórias do percurso nem sempre serão sobre histórias felizes.

3.2 RELATOS SOBRE ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA

As histórias que recebemos, retornam-nos aos lugares onde ocorreram, pois esses espaços são mais do que meros cenários, são partes vivas das memórias, moldadas pelas vozes que as descrevem. Mesmo que as construções sejam demolidas, as ruas desviadas e as paisagens transformadas, os laços que as pessoas estabeleceram com esses lugares persistem. As pedras podem ser movidas, mas as lembranças de seu lugar original desafiam o esquecimento e insistem em reconstruir o que foi desfeito (Bosi, 1994).

Os espaços de convivência são mais do que pontos de encontro, são territórios de memória, onde vivências individuais e coletivas se entrelaçam, dando sentido à história da comunidade. Entre os relatos compartilhados ao fim do percurso, 24 mencionaram espaços de convivência, como bares, baladas, praças, espaços universitários, cafés e restaurantes. Alguns desses relatos apresentam a cidade de Curitiba como um local possível para a vivência LGBTI+.

Dentre os espaços citados, destacam-se bares como Maricas Bar, James, Yag Bar e Mana, cafeterias e restaurantes, como O Pão que o Viado Amassou e Larica's, além de “espaços imateriais”, como o Pagode do Sasá, um encontro voltado para mulheres lésbicas e bissexuais. Esses locais, configuram-se em espaços fundamentais para as pessoas que participaram do percurso, uma vez que relatam terem suas primeiras vivências LGBTI+ ou a

sensação de serem pertencentes e acolhidas nesses locais. V.P. transmite essa relação em seu relato: "Meu nome é V.P., tenho 38 anos, sou curitibano. Minha primeira experiência em um ambiente *"tecnoglyn"* foi no [...], pela primeira vez me senti pertencendo a uma comunidade".

A vivência de V.P. reflete a importância desses espaços como pontos de encontro e reconhecimento. Para algumas pessoas, esses lugares foram fundamentais na construção de uma vida política, como sugere B.A. ao dizer que seu: "coração é da *Ballroom*, esse foi o espaço que me convocou a militância e potência de estar nessa frente". Assim, os locais de convivência emergem como forças impulsionadoras na construção de coletivos e comunidades, além da re(construção) da cidade.

A cena *ballroom* e a cultura *drag* também foram destacadas como elementos centrais na vivência LGBTI+. Performances de Drag Queens e eventos dedicados a essa cultura não apenas proporcionaram um ambiente de criatividade e expressão artística, mas também desafiaram normas de gênero, consolidando-se como espaços de resistência, pertencimento e celebração da diversidade.

Um aspecto interessante identificado nos relatos é a associação de restaurantes veganos como *Viva La Vegan* e Semente de Girassol, como pontos de encontro e de liberdade para se expressar enquanto pessoa pertencente à comunidade LGBTI+. J. R. expressa isso em seu relato: "acho interessante o fato de que pela minha vivência, um grande ponto de encontro entre membros da comunidade LGBTI+ são restaurantes veganos e vegetarianos pela cidade. O *Viva La Vegan*, Semente de Girassol, Café da Mafalda, Páprica Vegan etc."

Da mesma forma, M.L. também compartilha sobre sua primeira experiência de se sentir confortável para demonstrar carinho e afeto com sua parceira em público ter sido no VegVeg, um restaurante vegano. Ressaltando, portanto, a importância desses locais como ambientes acolhedores e inclusivos.

Além desses lugares, as universidades também aparecem como um espaço possível de se vivenciar memórias LGBTI+. Entre os relatos, a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e a Universidade Estadual do Paraná (EMBAP) emergem enquanto territórios para troca de experiências e vivências. Como expressado por G.L. e S.N.:

"Minha primeira experiência LGBTI+ em Curitiba foi a possibilidade de falar em voz alta "eu sou gay" pela primeira vez. Eu não era assumido na minha cidade, mas me senti confortável em assumir quando entrei na UFPR".

"As memórias que tenho remetem em muito aos espaços da universidade, tanto no Prédio Histórico, quanto na Reitoria e no prédio do DCE, onde pude participar de reuniões de grupos de estudos e coletivos e me compreender como bissexual".

Essas vivências sugerem que a universidade, para além do papel acadêmico, pode se configurar em um espaço de refúgio e de resistência. L.P. reforça essa ideia ao afirmar: “a extensão universitária me permitia ter contato com diversos públicos LGBTI+. Acho que é um ambiente vivido e válido, como vocês fazem”. Esse relato evidencia como a universidade não apenas acolhe, mas também possibilita a militância e o fortalecimento de laços dentro da comunidade LGBTI+. Seja por meio da extensão universitária, da participação em coletivos ou da simples vivência nos espaços institucionais, a universidade assume um papel ativo na formação de memórias e identidades.

Os espaços públicos e culturais também aparecem como locais importantes nos relatos, representando tanto locais de encontro e lazer, quanto territórios de resistência e afirmação identitária. O “banheirão” do Passeio Público e a Praça Santos Andrade foram mencionados como pontos de interação, áreas para se reunir e vivenciar experiências LGBTI+ e de interagir com pares.

Os cinemas e a cultura audiovisual também tiveram impacto significativo, funcionando como pontos de encontro e de socialização. Locais como o *Drive-In*, o Cine Túnel e os cinemas da Fundação Cultural. Como expresso no relato de D., onde relata que “os primeiros lugares em Curitiba onde pude ser ‘eu’ foi o Cine Túnel”. Assim, além do entretenimento, esses lugares contribuíram para o fortalecimento da identidade coletiva da comunidade, promovendo visibilidade e pertencimento.

Os espaços de convivência são fundamentais para a construção de uma comunidade, fortalecimento da identidade e criação de vínculo entre pares. A. N. reflete sobre lugares que, anteriormente, eram exclusivos para a comunidade LGBTI+, mas que agora recebem um público misto, mais diversificado, como a *Verdant*.

Em seu relato, ela diz que a experiência de visitar esse local após algum tempo foi interessante, pois ali foi a primeira vez que um homem lhe perguntou se ela beijava homens e aceitou sua resposta negativa de forma respeitosa. A. N. pondera, portanto, sobre a perda de exclusividade da comunidade LGBTI+ nesses territórios, refletindo que “apesar do luto de perdermos nossos espaços, será que estamos de fato perdendo?”. Embora não sejamos mais o público majoritário daquele ambiente, nossa cultura e nossas histórias ainda permanecem vivas entre aquelas paredes, transformando e influenciando práticas e modos de se viver.

3.3 RELATOS SOBRE LUGARES PÚBLICOS

Dos relatos colhidos nos percursos realizados entre 2023 e 2024, em 15 se visualiza a temática dos lugares públicos. Como destacado no capítulo da metodologia, a linha que divide a classificação que diferencia lugares públicos de lugares de convivência é muito tênue, até porque, muitas vezes os espaços de convivência são espaços públicos. Portanto, neste agrupamento de relatos, estão aqueles que focaram em equipamentos públicos, como praças, bosques e museus da cidade.

As ruas de Curitiba são citadas por alguns participantes como um dos primeiros lugares em que se teve contato com a vivência de pessoas LGBTI+. C.F. relatou que sentia uma certa liberdade das pessoas para “expressar o romance LGBTQIAP+”, pois via “vários casais de mãos dadas pela cidade”. Ainda destacou que achava muito importante essa manifestação de afeto, pois na sua cidade, que era pequena e do interior, não presenciava casais não heterossexuais demonstrando seus afetos.

O Largo da Ordem e a Rua Trajano Reis, que se localiza nas adjacências do Largo, são espaços de concentração de bares e baladas em Curitiba, frequentados pelas mais variadas pessoas. A.C. narra que estes foram espaços em que pôde “vivenciar pessoas LGBTQIAP+ sendo quem são de forma livre e sem se esconder de olhares de julgamento”. J.L. relata sua memória no Largo da Ordem, onde viu “pessoas trans e travestis bebendo e dançando vogue”. Outra rua do centro de Curitiba que é citada é a Rua São Francisco, onde o participante L.R. encontrava amigos para beber e conversar em 2016 e conclui que vivia a experiência de conhecer o mundo ao mesmo tempo que se conhecia.

A arte na rua, como o grafite, também foi apontada como uma memória da vivência LGBTI+. S.N. destacou que, no início dos anos 90, passava por um mural de graffiti que dizia “*Glad to be gay*”.

As praças da cidade foram lembradas pelos participantes como espaços de convívio LGBTI+. A Praça Santos Andrade, que sedia diversos eventos, como a feira do livro da UFPR, foi o espaço em que G.E. beijou uma mulher pela primeira vez, após um processo intenso de consciência política e de sua sexualidade durante a pandemia. A Praça 19 de Dezembro, conhecida como Praça da Mulher Nua, foi citada como um dos espaços mais seguros por A.V., e S.N. contou que sua primeira memória depois de se assumir gay se deu no mesmo local, onde sentiu “medo e felicidade de ir para uma marcha LGBT”. Por outro lado, a Praça da Espanha foi lembrada por M.L. como um dos lugares que sofreu com comentários maldosos ou sexualizantes em razão de sua lesbianidade.

Os parques da cidade foram mencionados por S.N. como “locais de resistência, onde muitos são ambientes de pegação, sobretudo do público gay”. O parque Passeio Público foi citado por J.R. como um espaço de muita interação sexual, relatando que amigas já “vivenciaram muitas coisas no banheiro de lá” e que isso é “muito mais comum do que parece”. Outra pessoa anônima apontou que o Passeio Público foi um local de acolhimento e descobertas, assim para C.M., que, apesar de sofrer com violência, tem um carinho pelo local:

“Em 1985, vindo em Curitiba pela primeira vez para um evento universitário (eu tinha 20 anos) conheci um colega de Porto Alegre e ficamos muito amigos. Nada “rolou”, mas no final demos um longo e carinhoso abraço na calçada da C.E.U. [Casa do Estudante Universitário] perto do Passeio Público. Levamos uma vaia dos outros estudantes com gritos de bicha! Viado! A gente

não sabia que era, mas dali em diante algo mudou e para mim o Passeio Público é até hoje um lugar de afeto e descoberta. Obrigado, Curitiba!”.

O local também foi mencionado por L.S. como palco de violência homofóbica:

“Estava passeando com meu namorado no Passeio Público, quando do nada um cara começou a gritar “viadinho, bando de nojentos”. Só aumentei a velocidade, mas foi muito desconfortável”.

Outro local mencionado nos relatos é o “Parcão do MON” ou “Gramado do MON”, um gramado extenso no entorno do Museu Oscar Niemeyer (MON), “que foi ocupado pela maioria jovem e lá tem muitos LGBTQIA+, é um ambiente que se torna acolhedor, unindo união, com lazer e artes”, segundo G.S. e A.V. também citam este como um local dos mais seguros para uma pessoa LGBTI+. Por outro lado, M.L. comenta que é lugar difícil de se ocupar enquanto lésbica, devido aos comentários maldosos ou sexualizantes.

De acordo com a pesquisa “Violência contra LGBT+ no contexto eleitoral e pós eleitoral”, produzida pela Gênero e Número, 83% dos casos de violência descritos no segundo semestre de 2018 ocorreram na rua ou no espaço público (Silva, 2018). Percebe-se, portanto, que o espaço público é um espaço em disputa, no qual a vivência LGBTI+ muitas vezes se choca com o preconceito e a violência, de modo que se observa que um mesmo lugar pode representar memórias positivas e negativas para a população cuja sexualidade e/ou gênero é dissidente.

3.4 CORPOS NA RUA: MEMÓRIAS, PERTENCIMENTO E DISPUTA DO ESPAÇO PÚBLICO

As ruas de uma cidade não constituem meramente caminhos de circulação; elas são, sobretudo, espaços de afirmação, resistência e conflito simbólico. Para corpos que se situam à margem da normatividade cis heteronormativa, esses espaços tornam-se territórios onde memórias afetivas se misturam a experiências de exclusão, tensão e risco. Essa dualidade evidencia a disputa pelo direito de existir e pelo reconhecimento político que se estabelece no cotidiano urbano.

A dimensão da memória é construída a partir das vivências que, em sua singularidade, expressam a potência transformadora do encontro com o espaço urbano. G.B. recorda sua “saída de armário” ocorrida na Praça Santos de Andrade, durante uma feira do livro da UFPR, quando, aos 17 anos, beijou uma menina pela primeira vez. Ela relata que, no pós-isolamento e em uma caminhada política anti-Bolsonaro, despertou para a sua existência

política como mulher lésbica em Curitiba. Esse relato, que sintetiza o potencial da rua como espaço de revelação e de construção identitária, dialoga com as concepções de Berenice Bento (2006), que destaca como determinados espaços reproduzem relações de reconhecimento e exclusão a partir da presença ou ausência dos corpos dissidentes. Em contrapartida, o T.S. descreve sua primeira Parada LGBTI+ em 2019, afirmando:

“Minha 1º Parada LGBTI+ foi em 2019 em Curitiba, me senti completa abraçando a minha bissexualidade sem medo, sem precisar me esconder. A chuva do final lavou minha alma do medo e me trouxe esperança”.

Essa narrativa evidencia que, mesmo em meio à vulnerabilidade e ao medo, os corpos encontram na rua uma via para transcender a exclusão e ressignificar a própria existência. Conforme propõe Judith Butler (1990), a performance de identidade nesses contextos transforma o espaço urbano em uma arena de resistência contra os mecanismos históricos de segregação.

A potencialidade transformadora da rua, no entanto, não se restringe ao reconhecimento afetivo; ela é também palco onde se materializa a tensão entre a violência simbólica e a celebração da diferença. Essa dualidade torna-se evidente nos relatos que apontam a coexistência de temor e esperança, como ocorre na experiência registrada na Praça da Mulher Nua – símbolo de resistência e, ao mesmo tempo, de vulnerabilidade. Essa sensação de ambivalência é ilustrada por um relato anônimo:

“Minha primeira memória após me assumir gay e começar a vivenciar e a experimentar ser bicha foi no lugar que chamo de Praça da Mulher Nua (...). Foi especial porque senti medo e felicidade de ir para uma marcha LGBT”.

Outra memória vem de A. L., que rememora:

“Lembro de ir nas matinês no Manhatam do antigo Simão na Rua 24h. James no início, marcha das vadias, marcha LGBT, maricas, folia e os lugares mais seguros: casas de amigos, encontro na Praça da Mulher Nua e gramado do MON”.

Esses fragmentos constroem, de forma orgânica, a geografia afetiva de um espaço urbano que, embora permeado por tensões, se revela como abrigo possível – mesmo que provisório. Como aponta Lefebvre (2001), o direito à cidade não se resume ao mero ato de

estar nela, mas reside na capacidade de produzi-la, transformando suas significações sociais por meio das práticas dos sujeitos. Quando corpos dissidentes marcam presença nesses espaços, eles deslocam funções convencionais, ressignificando paisagens e construindo novos modos de habitar.

A rua se converte, assim, em um campo de batalha simbólico, onde a ousadia dos encontros e a persistência dos apagamentos se entrelaçam. Nas práticas urbanas, enquanto alguns afirmam sua identidade com paixão e criatividade – como exemplifica a celebração carnavalesca relatada por G.I. –, outros sentem o peso da vigilância e do controle, vivenciando a exclusão de forma cada vez mais sistêmica. G.I. rememora seu primeiro carnaval em Curitiba:

“No primeiro momento, eu e meus amigos achamos que o carnaval seria um fiasco, porém tivemos a sorte de encontrar um bloco LGBTQIA+ que transformou a morta Curitiba em uma cidade de luz (...). Para um grupo de jovens com 17 anos, esta foi a melhor experiência que poderíamos ter”.

Esse processo de ocupação criativa e afetiva também transparece nos relatos de B.R. e G.A., que compartilham suas experiências: “Foi na parada do meio do ano de 2022 que beijei minha namorada pela primeira vez e estamos indo juntas para 2024. Nome dela é G. A.” e “Blocos de carnaval com meu amor B., em especial o Garibaldis e Sacis no pré-carnaval”.

Cada memória inscrita na rua expõe o embate cotidiano entre o pertencimento e a expulsão, a celebração e a censura. O reencontro dos afetos em ambientes públicos não só propicia resgates individuais, mas também contribui para a construção coletiva de uma cidade que reconheça a pluralidade dos seus habitantes. Lefebvre (2001) afirma que a cidade não é mero cenário, mas uma obra viva, co-produzida pelos sujeitos em constante disputa.

Os relatos nos ajudam a compreender como práticas urbanas dissidentes – como marchas, blocos, encontros e beijos – redesenham o espaço e geram novas formas de estar e resistir. Esse movimento não é apenas físico, mas sobretudo simbólico e político, operando a partir dos afetos compartilhados. G. L., por sua vez, lembra: “Nas escadarias do prédio histórico, em 2020, se não me engano, foi feita a vigília noturna às vítimas do assassino Tiago Soroka (homens gays emboscados via app de pegação).”

Nesse episódio, o espaço urbano se reconfigura como memorial e denúncia, revelando sua dimensão ética – o corpo que sofre transforma a cidade, dando voz à dor e à memória.

Por fim, a disputa pelo espaço público evidencia que a transformação social passa necessariamente pelo reconhecimento dos múltiplos corpos que nele circulam. Conforme argumenta Larissa Pelúcio (2009), as vivências das travestis e outros sujeitos dissidentes

revelam como o espaço urbano se torna um território de negociação entre abjeção e desejo, entre controle e invenção de si. A resistência à necropolítica – entendida como o conjunto de práticas que silencia e marginaliza certas existências – se concretiza na valorização dos encontros, das memórias e dos afetos.

Assim, o direito de ocupar a rua torna-se simultaneamente um ato político, uma reivindicação da diversidade e uma recusa à exclusão. Essa reconquista do espaço público é, em última análise, um movimento de reinvenção da cidade, onde o afeto e a resistência emergem como ferramentas indispensáveis para a transformação social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O "Percurso de Memória LGBTI+ de Curitiba/PR" emerge como uma iniciativa vital para a reconfiguração das narrativas urbanas, oferecendo um espaço de escuta e valorização das experiências da comunidade LGBTI+. Ao longo das caminhadas, os(as/es) participantes não apenas revisitam locais marcados por dor e repressão, mas também celebram os espaços de afeto, socialização e resistência que compõem a rica tapeçaria da vivência LGBTI+ na cidade.

Os relatos coletados, separados nas quatro categorias ora expostas, deram voz à fragmentos da melodia que ecoa nas ruas do centro urbano de Curitiba. Demonstrou-se pessoas que tiveram o primeiro contato com a sua sexualidade na capital, vivendo afetos e as paixões que não puderam vivenciar em outros lugares; também narrativas sobre espaços de convivência, como bares, baladas, restaurantes e universidades, que demonstram a sociabilidade LGBTI+; relatos de lugares públicos, como praças, bosques e museus; e relatos de corpos na rua, em "locais imateriais", onde as vivências não focam no espaço físico, mas na atividade corporal, como as paradas e marchas do Orgulho LGBTI+, os atos políticos e os espaços de reivindicação política.

Em síntese, tais compartilhamentos revelam uma dualidade intrínseca à experiência urbana: enquanto muitos encontram em Curitiba um espaço de liberdade e pertencimento, outros ainda enfrentam a sombra da violência e do preconceito. Essa ambivalência destaca a necessidade de um contínuo esforço para garantir que todos os corpos possam ocupar a cidade sem medo, reivindicando seu direito à visibilidade e à dignidade.

A pesquisa e a metodologia adotadas pelo núcleo "Memória LGBTI+" da UFPR não apenas documentam a história da comunidade, mas também promovem um diálogo intergeracional e interseccional, permitindo que vozes diversas sejam ouvidas e respeitadas. A construção coletiva de memória, através dos relatos dos participantes, reforça a ideia de que a cidade é um espaço vivo, moldado pelas experiências e interações de seus habitantes.

Portanto, o que conclui e se tenta demonstrar com as narrativas dos(as/es) participantes, é que caminhar pelo "Percurso de Memória LGBTI+ de Curitiba/PR" não é apenas um ato de memória, mas um movimento de resistência e afirmação. Ele nos convida

a refletir sobre a importância de espaços inclusivos e acolhedores, onde a diversidade é celebrada e as histórias de amor, luta e superação são compartilhadas. Ao reescrever as narrativas urbanas, está-se, na verdade, contribuindo para a construção de uma cidade mais justa e igualitária, onde todos possam se sentir em casa.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BOSI, Ecléa. Os espaços da memória. In: BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembrança de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble**: Feminism and the Subversion of Identity. New York: Routledge, 1990.

GORSDORF, Leandro Franklin; NADAI, Taíssa Albertina de. Reencenando e dando vida às memórias LGBTQIA+ em Curitiba/PR. In: **Quebrando Barreiras**: Gênero, Identidade e Transformação. V. 2. Formiga/MG: Editora Uniesmero, 2025. p. 152-162.

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade**: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2021.

JACQUES, Paola Berenstein; VELLOSO, Rita. (Eds.). **Enigma da cidade**. Salvador: EDUFBA, 2023.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2009.

SCHIMTZ, Beto. **Observatório 2023 de Mortes Violentas de LGBTQ+ no Brasil**. Grupo Gay da Bahia. Grupo Gay da Bahia, 2023. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/2024/01/19/2023-de-mortes-violentas-lgbt-no-brasil-ggb/>. Acesso em: 14 abr. 2025.

SILVA, Vitória Régia da. Em pesquisa sobre violência contra LGBTQs+ no contexto político-eleitoral, mais de 50% dizem ter sofrido pelo menos uma agressão. **Violência contra LGBTQs+ nos contextos eleitoral e pós-eleitoral**, s./d.. Disponível em: <https://violencialgbt.com.br/em-pesquisa-sobre-violencia-contralgbt-no-contexto-politico-eleitoral-mais-de-50-dizem-ter-sofrido-pelo-menos-uma-agressao/>. Acesso em: 30 mar. 2025.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Schwarcz S.A. 2018.

Recebido em: 15/04/2025
Aceito em: 11/08/2025